



## A INFLUÊNCIA DAS TRADIÇÕES SOCIAIS NO PROCESSO DE SILENCIAMENTO DOS LGBTQIA+

Margarida Maria Araujo Bispo<sup>1</sup>  
Rafaela Virgínia Correia da Silva Costa<sup>2</sup>

### GT6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade

#### RESUMO

Este artigo aborda a luta contra a discriminação passada pelos LGBTQIA+, no período greco-romano, em algumas passagens bíblicas e na sociedade indiana, por meio de elementos analisados. A luta de homossexuais e transgêneros é representada no texto pelos Cinaedus, Kothis e Hijras, além de análises de fragmentos bíblicos que abordam a homossexualidade, pois entendemos que o processo de silenciamento sofrido ainda ecoa não só na sociedade indiana, como também reverbera de maneira clara em várias partes do mundo. Para demonstrar como as sociedades vivem em meio a tradições seculares, a abordagem teórica se apoiará na perspectiva de autores como Scott, Appiah, Fukuyama, Bhabha e Hobsbawn, dentre outros estudiosos que abordam a história da sexualidade e a trajetória dos homossexuais e transgêneros no contexto histórico e social ao longo da formação das classes conhecidas na atualidade.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+. Silenciamento. Sociedade. Tradições.

#### ABSTRACT

This paper addresses the struggle against discrimination experienced by LGBTQIA+ people in the Greco-Roman period, in some biblical passages and in Indian society, through analyzed elements. The struggle of homosexuals and transgenders is represented in the text by the Cinaedus, Kothis and Hijras, in addition to analyses of biblical fragments that address homosexuality, because we understand that the silencing process suffered still echoes not only in Indian society, but also reverberates clearly in several parts of the world. To demonstrate how societies live amidst secular traditions, the theoretical approach will rely on the perspective of authors such as Scott, Appiah, Fukuyama, Bhabha, and Hobsbawn, among other scholars who address the history of sexuality and the trajectory of homosexuals and transgenders in the historical and social context throughout the formation of the classes known today.

**Keywords:** LGBTQIA+. Silencing. Society. Traditions.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-graduada em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente, exerce a função de professora do Ensino Médio pela Secretaria de Estado da Educação (SEED) e de professora do Ensino Fundamental Final pela Secretaria Municipal de Educação de Tobias Barreto (SMEC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero, e-mail: rainhamargo@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2754-7455>.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação. Especialista em Didática do Ensino Superior. Professora da rede estadual e municipal em Tobias Barreto/SE. Membro do Grupo de Estudos em Educação Superior-GEES (UFS/CNPQ). <https://orcid.org/0000-0003-0757-6021>. E-mail: rafaela.vcsc@hotmail.com.



## INTRODUÇÃO

*É incrível o quão alto o silêncio pode gritar com você, sem descanso, lembrando-o que está completamente sozinha/o no mundo.*

*Tillie Cole<sup>3</sup>*

Este texto é resultante da minha participação na disciplina Identidade e Poder nas Ciências Sociais. A epígrafe que abre este trabalho, escrita por Tillie Cole, reflete o poder que o silêncio possui em nossas vidas, e como ele pode ser violento na vida dos LGBTQIA+, uma vez que a homofobia fora e ainda o é, nos dias atuais, elemento de exclusão para os que ousam ser diferentes. É notório que esses silenciamentos estão intimamente ligados às convenções sociais, que foram forjadas por meio das tradições impostas pelo homem na formação da sociedade. Para compreender essa composição, analisarei a obra Tutta Un'Altra Storia de Giovanni Dall'Orto (2015) e algumas passagens bíblicas, as quais serão interligadas com a obra Las Mentiras que nos unem, de Appiah(2019), que aborda as questões sociais que envolvem o terceiro sexo indiano, demonstrando, assim, que ainda permeia na sociedade atual um silenciamento esmagador que busca emudecer e oprimir os LGBTQIA+.

Entendo que é nesta perspectiva que a diversidade deve ser apresentada e debatida na sociedade atual, visto que a significação das distintas possibilidades de expressão e vivência social das pessoas, dadas por aspectos como orientação sexual, gênero, sexo, faixa etária, raça/cor, etnia, deficiência, entre outros, ainda requerem um olhar dissociado das tradições que as oprime. Mediante esta concepção, faz-se necessário abordar a diversidade sexual e de gênero (DSG), ou meramente diversidade sexual, uma vez que se entende a utilização do termo como forma de aludir de maneira inclusiva a toda a diversidade de sexos, orientações sexuais, identidades e expressões de gênero sem que seja necessário especificar cada uma das identidades que compreendem essa pluralidade. Vale ressaltar ainda que, tornar impossível o debate sobre a diversidade sexual, bem como sobre as relações de gênero, conceito esse que é pré-requisito para o entendimento de outros dois: sexo e gênero, nos dias atuais é inadmissível. Mediante essa realidade, deve-se entender, também, que o sexo tem como principal referência as características específicas e biológicas dos aparelhos

---

<sup>3</sup> Tillie Cole é autora americana de romances contemporâneos.



reprodutores feminino e masculino, ao seu funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios. O sexo não pode ser o fator determinante da identidade de gênero e, muito menos, da orientação sexual de uma pessoa.

Para a autora Joan Scott (1995, p.5), gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. É perceptível que essas diferenças se constituem em símbolos culturalmente disponíveis que instigam representações simbólicas e mitos. Além disso, a normatividade impõe conceitos que dão destaque às interpretações do sentido dos símbolos, que buscam se fortalecer para limitar e conter suas possibilidades metafóricas expressas nas doutrinas religiosas, educativas, políticas ou jurídicas e que combatem de maneira binária e inequívoca as concepções de masculino e feminino.

Para Hobsbawn (1997), as tradições que muitas das vezes parecem ou são consideradas antigas, ainda se fazem presentes nos dias atuais, quando não inventadas, o que nos permite perceber a alteração da noção de temporalidade existente nas tradições. O tempo que deveria ser tomado como sensor para medir o comportamento humano nada mais é do que um elemento que permanece estático, como se assistisse aos seres humanos a cometer os mesmos erros ao longo dos séculos.

É neste contexto que ousou trazer para este artigo autores que falam da formação da identidade na sociedade ao longo dos tempos, e os contextualizo com o meu trabalho: *Diversidade Sexual e de Gênero: Facetas de uma Luta Silenciosa ao Longo dos Séculos*. No texto abordo, por meio das obras utilizadas como objeto de análise, o processo da homofobia na sociedade greco-romana e na Bíblia Sagrada e, ao mesmo tempo, contraponho essas situações homofóbicas com as vividas pelos *Kothis* e *Hijras* na Índia. Neste contexto, abordo a aceitação do terceiro sexo na Índia pelo governo, no entanto demonstro que essa aceitação não garante à classe LGBTQIA+ que vive no país o respeito da sociedade indiana.

## **O PROCESSO DE SILENCIAMENTO E AGRESSÃO AOS DIREITOS DOS LGBTQIA+ AO LONGO DOS TEMPOS**

Para abordar a temática da homofobia, através dos tempos, e de como ela é prejudicial, à medida que promove o processo de silenciamento das classes LGBTQIA,



busquei passagens em duas obras que demonstram como as tradições de determinados povos podem silenciar e excluir os denominados diferentes. Em primeiro plano, trago elementos da cultura greco-romana que, apesar de historicamente possuir um longo histórico de governantes permissivos, também possuía códigos rígidos no que se referia às relações homoafetivas.

Essa realidade referente aos greco-romanos pode ser percebida na obra *Tutta Un'Altra Storia* de é Giovanni Dall'Orto (2015). Nesta obra, ele aborda a maneira como os *Cinaedus* eram tratados na antiguidade. Dall'Orto (2015) diz que Luciano de *Samósota* utilizava-se de frases pejorativas para referir-se aos *Cinaedus*, e traz uma dessas frases em seu provérbio: “É mais fácil esconder cinco elefantes debaixo de uma axila do que um *Cinaedus*, a exuberância que esses jovens possuíam chamava a atenção dos que deles se acercavam, tornando-os únicos, pelas suas características femininas”.

Vale ressaltar que eram os *Cinaedus* os responsáveis por elevar a moral dos centuriões romanos nas inúmeras batalhas a que eram enviados. No entanto, eram severamente condenados pela sociedade, na antiguidade clássica, que tecia comentários sobre o comportamento antinatural com relação ao homoerotismo; é notório que se faz necessário evidenciar que naquele período não se dividia a humanidade em homossexuais e heterossexuais. Platão aborda em suas explanações que o prazer em copular é adquirido de acordo com a natureza, porém o prazer homossexual se faz contrariamente à natureza, isto é, segundo ele, não passa de um crime causado pela falta de capacidade de controlar o desejo do prazer.

Nos dias atuais, ainda se pode encontrar essa realidade vivida pelos *Cinaedus* Appiah (2019), na obra *Las Mentiras que nos unem*, onde é apresentada a realidade dos *Kothis*, homens que, assim como os antigos greco-romanos, possuem um terceiro sexo na Índia e que sofrem, ao longo dos séculos, com o preconceito a eles dirigido. Além dos *Kothis*, a Índia ainda possui as *Hijras* e os *Shiv-Shakts*, estes últimos não mencionados por Appiah (2019) em sua obra. É perceptível o preconceito existente contra os *Kothis* na seguinte passagem da obra de Appiah:

El mundo está lleno de identidades gravosas, cuyo precio es que unas peronas traten a otras de forma ofensiva. Los *khotis* de la India lo saben muy bien. Los *Kothis* son personas a queines al nacer se les asigna uma



identidade masculina, pero que se identifican como mujeres y se sienten atraídas sexualmente por hombres más tipicamente masculinos. Durante años, los *kothis* han sufrido insultos y abusos, además del rechazo de sus familias. A causa de su posición marginal, muchos de ellos se ven forzados a convertirse em trabajadores sexuales (APPIAH, 2019, p. 32-33).

Diante do exposto, fica claro que a fala de Appiah coaduna com a de Dall'orto no que diz respeito ao preconceito e à discriminação dos *Cinaedus* na cultura greco-romana bem como com as passagens bíblicas analisadas. Esse fato pode ser percebido na citação acima quando o autor demonstra as dificuldades pelas quais passam os *Kothis*, em um país que os reconhece por meio de um terceiro gênero, mas que é perceptível a falta de respeito a esses cidadãos. Os *Cinaedus*, assim como os *Kothis*, possuem, em suas raízes, histórias profundas de tradições homofóbicas, transfóbicas e patriarcalistas praticadas contra os homossexuais e transexuais nas comunidades em que vivem. Na Índia, os *Kothis* não podem vestir-se com roupas femininas em público, o vestuário feminino fica estritamente resguardado para o ambiente doméstico, local que não fere os olhos da sociedade indiana.

Hobsbawn (1997), em sua obra *A Invenção das Tradições*, aborda os comportamentos sociais da humanidade. Para o autor, as tradições são práticas reguladas por regras subentendidas, ou abertamente aceitas pelo povo, são por assim dizer, rituais e simbólicas e visam inserir determinados valores e normas comportamentais por meio da repetição, o que ocasionará, inevitavelmente, numa continuidade no que diz respeito ao passado. Essa reflexão, faz-nos perceber uma certa anuência com a fala de Appiah (2019) quando este demonstra em sua obra, citada anteriormente, que os/as *Kothis* são silenciados/as. O autor aborda, ainda, a situação das *Hijras*, que, ao contrário dos *Khotis*, passam por cirurgias de designação sexual. Para a cultura indiana, ser *Hijras*, segundo Appiah (2019), é muito mais do que um corpo masculino e um estilo feminino. O terceiro sexo indiano pode ser considerado um tipo de “fada” que vem até os nascimentos desejar boa sorte aos bebês recém-nascidos, ou trazer má sorte se o que pedirem aos anfitriões não for atendido. Diante dessa realidade, pode-se perceber que tanto os *Cinaedus* quanto as *Hijras* possuem uma particularidade: os primeiros foram importantes nas campanhas bélicas greco-romanas, visto que elevavam a moral dos centuriões e os últimos são vistos como aqueles que trazem ou não sorte a quem a eles convidam ou não às suas casas. No entanto, vale ressaltar que tanto os

*Cinaedus* quanto os *Kothis* e as *Hijras* possuem uma história atrelada ao preconceito fazendo deles vítimas de uma sociedade que mesmo depois de séculos ainda se utilizam de suas tradições como bem o disse Hobsbawn (1998).

Figura 1 - *Cinaedus* em batalha

Fonte: Retirada de notícia da Revista Galileu<sup>4</sup>.



Figura 2 - *Kothis* se confraternizando



Fonte: Retirada de notícia do The Guardian<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/09/havia-um-soldado-transgenero-no-exercito-romano-mostra-estudo.html>. Acesso em: 10 mai 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2008/jul/04/india-gender>. Acesso em: 10 mai 2021.



Diante de tudo que foi explanado, pode-se perceber, nas figuras usadas para ilustrar esse artigo, que a sensibilidade do chamado terceiro sexo, como Appiah (2019) bem explicitou em sua obra, gera, em mim, um questionamento inquietante: O que faz com que as pessoas critiquem e queiram punir os que ousam ser diferentes? Ora, essa pergunta pode ser respondida por Francis Fukuyama (2018):

Em toda a história do homem tem havido pessoas em desacordo com as suas sociedades. Mas só nos tempos modernos tem ganhado força a ideia de que o eu interior autêntico é intrinsecamente valioso e que a sociedade exterior sistematicamente erra e é injusta na sua avaliação do primeiro. Não é o eu interior que deve ser obrigado a conformar-se com as regras da sociedade, mas a própria sociedade que precisa de mudar. (FUKUYAMA, 2018, p.26).

É notório que as tradições sociais têm uma influência muito grande nas concepções daqueles que nelas transitam, as regras que ditam o que é certo ou errado possuem uma carga muito pesada principalmente para aqueles que são considerados fora do padrão imposto. O cisgênero homem/mulher é considerado correto e, quando o não binário ousa aparecer, passa a ser julgado e, muitas das vezes, sufocado pela sociedade em que vive. Essa realidade se faz presente até mesmo no Livro Sagrado dos cristãos - a Bíblia, que, em seu Antigo e Novo Testamento, possui passagens em que a homofobia se faz presente, assim como nos mitos greco-romanos e na sociedade indiana e, posteriormente, na história denominada Moderna e Contemporânea.

Para que essa realidade possa ser percebida neste artigo, farei a análise em alguns pontos específicos das Sagradas Escrituras e, em seguida, trarei obras que possam fundamentar minha concepção acerca dos mitos greco-romanos e, dos fatos históricos, que permeiam a humanidade ao longo de sua história. Em primeiro plano, abordarei a presença da homofobia nas Sagradas Escrituras no sentido de que inibe e pune as práticas homossexuais entre os homens e as mulheres da época. Várias são as passagens em que são encontrados elementos que denotam homofobia. Para que essa realidade seja entendida, elencarei algumas passagens no quadro a seguir:

**Tabela 1 - Passagens *homofóbicas e transfóbicas* na Bíblia Sagrada**

Passagem	Trecho	Transcrição do trecho
----------	--------	-----------------------

Samuel 2	26 a 27	Jônatas meu irmão, por tua causa meu coração me comprime!  Tu me eras tão querido!  Tua amizade me era mais preciosa que o amor das mulheres.
Romanos	1: 26, 27	Por isso Deus os entregou às paixões aviltantes: [...] os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam uns com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração”.
Coríntios 1	6: 10	Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus
Romanos	1: 24	Por isso, Deus os entregou segundo o desejo de seus corações à impureza em que eles mesmos desonraram seus corpos.
Levítico	18:22	Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É abominação.
Levítico	20:13	O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometem uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles.

**Fonte:** Elaborado pela autora, a partir da Bíblia Sagrada (2010).

É fato, a cultura tem uma grande influência nas questões relativas à homossexualidade. Diante dessa realidade, faz-se necessário que se entenda a cultura em que a Bíblia Sagrada fora inserida, a permissividade que existia, principalmente na Roma antiga,



por meio das orgias de alguns de seus imperadores, dentre os quais vale destacar Nero<sup>6</sup> e Calígula,<sup>7</sup> com a conversão de Constantino<sup>8</sup> ao cristianismo, passam a ser pecaminosas. Para elucidar essa realidade, Ambrose (2011), em sua obra *Heróis e exílios: ícones gays através dos tempos* afirma que

(...) depois que o imperador Constantino (morto em 337 d.C) se converteu ao Cristianismo em 313 d. C., a tolerância e até mesmo o desinteresse, em relação a homossexualidade na Antiguidade foi banida pela ascensão do Cristianismo. A fundamentação da Igreja para atacar a homossexualidade parece ter sido o único verso do Livro *Levítico no Antigo Testamento*, que parecia ordenar a perseguição dos sodomitas. Na realidade a Igreja recentemente vitoriosa procurava dominar e controlar todos os aspectos da vida humana, inclusive no âmbito sexual. (AMBROSE, 2011, p. 6).

É perceptível que as narrativas que descrevem a homossexualidade na Antiguidade deixam claro que o sexo não era pensado apenas como objeto de procriação, no entanto, as mudanças em torno de sua utilização passam a ocorrer com a chegada das religiões de cunho monoteístas no ocidente. Vale ressaltar, porém, que o judaísmo, primeira religião monoteísta, já pregava a prática das relações sexuais como um ato para procriação e, não para o prazer. Essa ideia permanece restrita ao seio da religião judaica e, aos poucos, aos cristãos existentes, até o início do século IV. Gorenstein (2005) diz que

Judaísmo e sodomia desde sua origem e ao longo dos últimos quatro mil anos, estiveram sempre juntos. No mais das vezes o judaísmo condenando os homossexuais. Intimamente ligados, porém, quando as vivências biográficas de judeus gays e lésbicas judias. Ambos sofrendo os horrores da intolerância, os filhos de Sodoma e de Abraão executados nas mesmas fogueiras da Inquisição e dos campos de concentração (GORENSTEIN; GUCCI, 2005, p.25).

Ora, a fala de Gorenstein e Tucci (2005) faz-me lembrar de Hommi Bhabha (2018) em sua obra *O Local da Cultura*. Bhabha (2018), apresenta, na obra citada, diferentes tradições de escrita, enfocando seu estudo na cisão da narrativa historicista, representativa do

---

<sup>6</sup> Nero Cláudio César Augusto Germânico foi um imperador romano que governou de 13 de outubro de 54 até a sua morte, a 9 de junho de 68, o último imperador da dinastia júlio-claudiana. (SHOTTER, 2008).

<sup>7</sup> Caio Júlio César Augusto Germânico (em latim *Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus*; 31 de agosto de 12 d.C. — 24 de janeiro de 41). também conhecido como Caio César ou Calígula (*Caligula*), foi imperador romano de 16 de março de 37 até ao seu assassinato, em 24 de janeiro de 41 d.C. Foi o terceiro imperador romano e membro da dinastia júlio-claudiana, instituída por Augusto. (MASSIE, 2005).

<sup>8</sup> Constantino I, também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande (em latim: *Flavius Valerius Constantinus*; Naisso, 272— 22 de maio de 337), foi um imperador romano, proclamado Augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306, que governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte. (RAMALHO, 2019).



povo. O autor apresenta duas estratégias discursivas presentes no discurso da formação da nação: a pedagógica e a performática. É perceptível que a formação do povo cristão possui, assim como a nação referida por Bhabha, uma construção pedagógica e performática nas representações bíblicas. A escrita em parábolas, cartas e cantos encontrados nas sagradas Escrituras, têm esse caráter apresentado por Bhabha em sua obra. Além da colocação de Bhabha, vale também ressaltar a concepção de Pondé (2011), quando afirma que foram inúmeras as transformações que aconteceram no seio da família, da igreja e da sociedade em geral. No entanto, a temática da homossexualidade, provavelmente é um dos assuntos mais problemáticos para os segmentos cristãos mais conservadores.

Essa realidade pode ser perceptível quando Carroll (2002) diz que uma das críticas dos cristãos aos judeus é que o Deus do Velho Testamento era um Deus da Lei sem coração, da vingança, punição, enquanto o do Novo Testamento é um Deus de amor, misericórdia e perdão (CARROLL, 2002, p. 132). Nota-se que há toda uma performatividade para apresentar Deus; no primeiro caso temos um Deus que leva aqueles que nele creem a temê-lo e não a respeitá-lo; no segundo caso, há um alento, o Deus apresentado é capaz de perdoar àqueles que temem a sua ira e arrependem-se de seus pecados. É nesse contexto que os homossexuais e transexuais eram, e ainda são nos dias atuais, bombardeados por familiares e religiosos, o amor carnal vem com um dispositivo que só permite ser dividido se for entre homem e mulher. No entanto, se ocorre o amor entre pessoas do mesmo sexo, estes são seres repulsivos que não comungam com as leis divinas. Joan Scott (2005), em seu texto o Enigma da Igualdade, destaca que

A ação afirmativa tem sido atacada como uma forma de “preferência de grupo” que discrimina indivíduos; leis de antidiscriminação gay têm sido repelidas na medida em que conferem direitos especiais que indivíduos não precisam e não apreciam; a pressão para transformar corpos docentes de universidades, faculdades de direito e de medicina, em grupos mais diversificados tem sofrido resistência na medida em que a atenção à identidade de grupo subvaloriza avaliações sobre o mérito objetivo de qualquer candidato individual; os proponentes do multiculturalismo insistem para que grupos de identidade sejam representados em toda sua diversidade no currículo educacional, enquanto seus oponentes advertem que histórias separadas de grupos raciais e étnicos promovem o que um intelectual considera “o vírus do tribalismo”, e outro “a desunião da América.” (SCOTT, 2005, p.11).

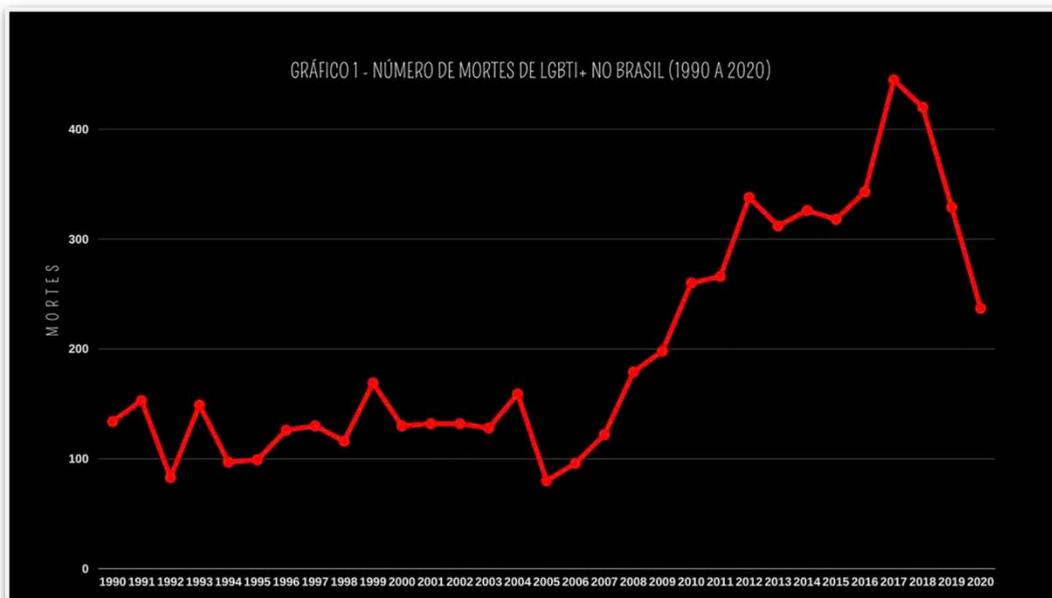


Diante do exposto, vale ressaltar que, nos dias atuais, as práticas opressivas que permeiam a vida dos homossexuais e transexuais são preocupantes, uma vez que há uma insurgência em países como a Hungria, Rússia, China e o Brasil, dentre outros, que nos últimos tempos estão passando por uma crescente onda de violência contra os LGBTQIA+. Scott (2005) deixa claro que retirar os direitos dos LGBTQIA+ faz com que se sintam diminuídos, silenciados, pois as agressões verbais e até mesmo físicas têm como intuito acabar com o lugar de fala dos LGBTQIA+. Ao constatar essa situação, uma pergunta surge: Como podemos perceber se a democracia está protegida?

Essa preocupação se dá devido às notícias propagadas pelas mídias sociais e telejornais, principalmente no Brasil, a cerca de morte de homossexuais e transexuais nas diversas regiões que compõem o país. Assim como nos países citados, o Brasil tem sua cota de homofobia, transfobia e lesbofobia que nos deixa em uma triste estatística: somos o país que mais mata LGBTQIA+ no mundo! Para ilustrar minha fala, apresento a seguir um gráfico que ilustra de maneira clara a crescente violências contra gays, lésbicas, travestis e transexuais desde 1990 até o ano de 2020. Essa estatística deve acender em nós um alerta de como a violência pode representar a fragilidade da democracia em nosso país, pois somos um país que ainda está se consolidando enquanto democrático, uma vez que saímos na década de oitenta de um regime ditatorial.

Essa realidade pode ser percebida na obra de Levitsky e Ziblatt (2018) intitulada *Como as democracias morrem*. Nessa obra, os autores demonstram como a democracia pode e é frequentemente subvertida por dentro, por mãos de líderes autoritários que podem transformá-la em um regime distinto e autocráticos sem necessariamente fazer uso das forças armadas ou de um golpe de Estado Clássico. O Brasil, nos últimos seis anos, viu o artigo 5º da Constituição ser constantemente violado por homofobia, transfobia e lesbofobia. A vida daqueles que ousam ser diferentes parece não estar inserida na Lei maior de nossa pátria, uma vez que os ataques de ódio são direcionados a eles e muitos passam a perder o bem mais valioso que possuem: a vida.

Gráfico 1- Número de mortes de LGBT no Brasil (1990 a 2020)



Fonte: ONG Grupo Gay da Bahia (GGB, 2020).

Diante da realidade exposta no gráfico, vejo que as tradições criadas pela sociedade, ao longo dos anos, são responsáveis pela opressão pela qual passam as minorias desde os primórdios da história, como bem expõe Hobsbawn (1997, p. 9):

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

Entendo que a minha abordagem sobre o silenciamento sofrido pelos LGBTQIA+ no período clássico e nas passagens bíblicas pode parecer uma distopia. No entanto, é necessário perceber que as tradições impostas pela sociedade ao longo dos tempos, pois muitas surgem de “invenções” do homem e estas, nos dias atuais, têm uma conotação que não cabe mais à atual realidade vivida pelos homens, uma vez que, como bem disse Camões (2015): “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o Mundo é composto de mudança”.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Não são as espécies mais fortes que sobrevivem, nem as mais inteligentes, e sim as mais suscetíveis a mudança.*

*Charles Darwin*

Conclui-se, então, que ao longo dos tempos os LGBTQIA+ foram se adaptando às realidades que a eles foram sendo apresentadas não só pela sociedade de seu tempo, como também pelas tradições perpetuadas por esta dita sociedade no decorrer dos séculos. Diante das leituras feitas durante a disciplina, pude perceber que a sociedade é responsável por muitas das ações pelas quais os que ousam ser diferentes enfrentaram e enfrentam no decorrer dos tempos.

Diante da obra de Appiah (2019), entendi que, apesar de um país, nesse caso a Índia, reconhecer o terceiro sexo, não dá aos transgêneros o respeito necessário que eles precisam, e muito menos os veem na sociedade como “pessoas” que possuem necessidades básicas. Muitos dos *Kothis e Hijras*, apesar desses últimos serem chamados a servir a deusa hindu *Bahuchara MataI*, podem ser rechaçados pela sociedade indiana, assim como os *Kothis* que são obrigados a se prostituir para sobreviver. Ao constatar essa realidade, vejo que os LGBTQIA+, em países como o Brasil, onde o terceiro sexo não é ainda reconhecido, é ainda muito mais traumática, uma vez que as tradições que permeiam esses países são atreladas ao patriarcalismo que oprime e causa sofrimento àqueles que ousam ser diferentes diante de uma sociedade que não dá conta das diferenças que a permeia.

Reconhecer que as tradições criadas pelos homens são uma carga que oprime as minorias (aqui não estou referindo-me apenas aos LGBTQIA+) é algo que perpassa a vida de muitas pessoas que passam a ser vistas atravessadamente pela sua orientação sexual. Isso é extremamente dolorido, uma vez que é por meio da dor do outro que tento buscar uma forma de modificar, mesmo que minimamente, a realidade que cerca os LGBTQIA+ que da minha vida fazem parte.



## REFERÊNCIAS

AMBROSE, Tom. **Heróis e exílios**: ícones gays através dos tempos. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg Autêntica, 2011.

APPIAH, Kwame. **Las mentiras que nos unen**: Replanteando la identidad. Ed. Taurus, 2019.

BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Antigo Testamento. Tradução: Monges Beneditinos. São Paulo: Edição Clarentina. 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Novo Testamento. Tradução: Monges Beneditinos. São Paulo: Edição Clarentina, 2010.

CAMÕES, Luís vaz de. **Sonetos Camonianos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

CARROLL, James. **A Espada de Constantino**: a Igreja católica e os Judeus. 1. ed. brasileira. São Paulo: Editora Manole, 2002.

COLE, Tillie. **Swett Rome**. *Bellevue*: Amazon, 2014.

DALL'ORTO, Giovanni. **Tutta Un'Altra Storia**. Milano: Il Saggiatore, 2015

FUKUYAMA, Francis. **Identidades**. A Exigência de Dignidade e a Política de Ressentimento. Lisboa: Dom Quixote, 2018.

GORENSTEIN, Lina; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Ensaio sobre a intolerância**: inquisição, marranismo a anti-semitismo. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**, org. de Eric Hobsbawn e Terence Ranger. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MASSIE, Allan. **Calígula**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

NANDA, Serena. **Hijra and Sadhin**: Constructing Sexualities. New Jersey: La Font, 2003.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O catolicismo hoje**. 1. ed. São Paulo: Editora Benvirá, 2011.

RAMALHO, Claudio Upierre. **Constantino e o Triunfo do Cristianismo na Antiguidade Tardia**. Belo Horizonte: Fonte Viva, 2019.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 1, abr. 2005.



SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.** Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. Disponível em: <https://ser.ufrgs.br/educacaorealidade/article/view/717211>. Acesso em: 10 abr. 2021.